Revista da ANPEGE. v. 16. nº. 30, p. 383 - 405, ANO 2020. e-ISSN: 1679-768X
https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege. // DOI 10.5418/ra2020.v17i30.10678

A OBSERVAÇÃO DA PAISAGEM COMO FORMA DE ESTUDO DE TERRITORIALIDADE:

O Caso Da Vila Belmiro Em Santos (SP)

LANDSCAPE OBSERVATION AS A WAY TO UNDERSTAND TERRITORIALITIES: A Study at Vila Belmiro Stadium, Santos (SP)

OBSERVACION DE LA PAISAJE COMO MEDIO DE ESTUDIAR TERRITORIALIDADES: El Caso de Vila Belmiro en Santos (SP)

Rodrigo Accioli Almeida

RESUMO

O trabalho visa elucidar a importância da observação da paisagem no meio urbano como forma de evidenciar como grupos hegemônicos exercem poder sobre um lugar através da produção de símbolos que criem discursos e narrativas próprios. Assim, a discussão aqui proposta tem como objetivo discutir a paisagem como forma de comunicar o domínio de grupo sobre um determinado espaço, visto aqui como territorialidade, utilizando como metodologia os preceitos criados pela Nova Geografia Cultural inglesa dos anos 1980. O estudo de caso aqui apresentado é a Vila Belmiro (Estádio Urbano Caldeira) em Santos, pois o estádio de futebol é um lugar a de grande relevância cultural, além de seu entorno ser local de socialização e espaço da alteridade entre grupos urbanos diferentes o que torna a produção simbólica mais expressiva.

Palavras-chave: Nova Geografia Cultural, Paisagem, Territorialidade

ABSTRACT

This work means to elucidate how important the landscape studies in urban areas can be as a way to evidence how hegemonic groups have their power exercised in a place by their symbol production able to create their own speeches and narratives. The discussion here has as a goal to think the landscape as a way to communicate a group's domain over a particular space, seen here as territoriality, using as methodology principles created by the 1980s English New Cultural Geography. Here is shown a case study about Vila Belmiro (UrbanoCaldeira Stadium) in Santos (SP), as the football stadium is a place of a great cultural relevance, furthermore its surroundings are socialization and alterity place between different urban groups, which makes the symbolic production more expressive.

Key Words: New Cultural Geography, Landscape, Territoriality

RESUMEN

Este trabajo pretende dilucidar laimportancia de losestudios de paisajeenlas zonas urbanas como una forma de evidenciar cómolos grupos hegemónicos ejercensu poder enun lugar por suproducción de símbolos capazes de crear discursos y narrativas sobre ellos y sus adversarios. La discusiónaquítiene como objetivo pensar elpaisaje como una forma de comunicar eldominio de un grupo sobre unespacio particular, visto aquí como territorialidad, utilizando como principios metodológicos creados por la Nueva Geografía Cultural inglesa de losaños 80. Aquí se muestraun caso de estudio sobre Vila Belmiro (Estadio Urbano Caldeira) en Santos (SP), ya que elestadio de fútbol es un lugar de granrelevancia cultural, además sus alrededoresson lugar de socialización y alteridad entre diferentes grupos urbanos, lo que hace más expresivalaproducción simbólica.

Palabras clave: Nueva Geografía Cultural, Paisaje, Territorialidad

Introdução

Santos, 11 de novembro de 2019. Tudo parecia extremamente calmo e tranquilo na Vila Belmiro. O Santos FC jogou sábado contra o EC Goiás, em Goiânia, e ganhou de maneira convincente por três goles a zero. Nada parecia tirar o sossego do time comandado pelo argentino Jorge Sampaoli, terceiro colocado na competição nacional e muito provavelmente classificado à próxima Copa Libertadores da América. No entanto, segundo o portal Lancenet! (2019), o presidente José Carlos Peres havia sido punido pelo Supremo Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) por afirmar que o sistema de arbitragem eletrônica, o VAR, estaria auxiliando o Flamengo. Por consequência, o mandatário santista ficou impedido de exercer qualquer comunicado em nome do clube por 15 dias, o que foi entendido como suspensão geral pelo vice-presidente, Orlando Rollo. Na manhã do dia 11, Rollo tentou se utilizar desse argumento para afastar o Comitê de Gestão, grupo de conselheiros da presidência com poder deliberativo – algo que só o presidente pode fazer.

Dessa forma, o jornalista Gabriel Santos (2020) apurou que Peres acusou Rollo de golpe, sendo essa uma acusação recorrente na história recente do Santos FC. Inclusive, algo que

parece ser simplesmente uma briga política dentro do clube envolve uma série de outros atores políticos do clube e da cidade de Santos, cidade da Região Metropolitana da Baixada Santista no estado de São Paulo. Essas brigas dividem facções da elite da cidade conforme interesses econômicos e políticos, tendo o clube importância devido ao papel identitário que exerce na cidade. Dessa forma, nos momentos de acirramento ou crise política é comum que o entorno do estádio seja preenchido por uma série de manifestações, do tipo de faixas, dotadas de símbolos que remetem à identidade citadina para comunicarem algo.

Por conta disso, esse trabalho tem como objetivo apresentar uma forma de observação da paisagem que possibilite compreender as territorialidades criadas por esses grupos no entorno do estádio "Vila Belmiro" (Estádio Urbano Caldeira), sede do Santos FC. Seguimos aqui o conceito de territorialidade de Sack (1986, p. 19), que o define como "tentativa de um grupo ou indivíduo de afetar, influenciar, ou controlar pessoas, fenômenos e relações, por delimitar e estabelecer controle sobre uma área geográfica". Para o autor, o caráter simbólico do território é evidenciado no momento em que cada grupo dá um significado a um determinado espaço. Territorialidade também carrega, segundo sua leitura, o sentido de estratégia, que pode ser feita e desfeita, sucessivamente, sem que a todo tempo essa relação de poder seja dada através da agressividade. Um grafite em um muro, uma bandeira bem colocada, uma música tocada em altos volumes, ou a dominância de uma forma de vestir, entre muitos outros casos, podem exprimir um domínio em um plano simbólico, sem, necessariamente, exigir a presença de pessoas armadas, cercas, cancelas e outras formas mais físicas de expressão de um domínio territorial. Assim, um território é o controle, ainda que válido apenas em certo período, e de acordo com certas circunstâncias, sobre um espaço que deve ser comunicado.

O simbolismo da paisagem na comunicação da territorialidade

Uma vez entendido que a territorialidade é a forma de comunicação de um grupo ou indivíduo, influenciar ou controlar pessoas em uma determinada área, se faz necessário demonstrar como se constrói essa comunicação, e a estratégia de influenciar e controlar pessoas. Para tal, usou-se o método de observação da paisagem proposto pelos autores da Nova Geografia Cultural inglesa das décadas de 1970 e 1980 como Cosgrove (1983), Duncan (2004), entre outros. Suas contribuições se inspiram em diferentes bases do que aquilo que era observado no contexto da Geografia Cultural Tradicional, que tinha as contribuições de Carl Sauer ao centro, e também das formas pelas quais os estudos da Geografia Humanística eram realizados, com a figura de Yi Fu Tuan como líder de suas proposições.

Do ponto de vista dos fundamentos filosóficos, a Nova Geografia Cultural buscava um diverso conjunto de autores revisionistas do marxismo e de suas implicações culturais para o desenvolvimento de suas contribuições geográficas. Autores como Gramsci, Adorno, Habermas, Foucault, Deleuze, Guattari, Certeau, Geertz, Hall, Raymond Williams, entre diversos outros, permitiam o desenvolvimento de novos estudos no contexto da Geografia, nos quais os símbolos e práticas comunicativas enriquecessem nosso entendimento das relações de poder.

As paisagens, territorialidades e lugares enfocados nesses estudos da Nova Geografia Cultural possuíam uma clara pretensão de expressar conteúdo crítico e radical, refutando sentidos e objetos que pudessem ser confundidos com manifestações dissociadas de práticas econômicas ou políticas, ou simplesmente serem classificados como banais. Tampouco suas proposições podem ser confundidas com um conjunto de contribuições aleatórias e de sentido absoluto subjetivo acerca de um fenômeno que se manifesta no mundo, tais quais os estudos pós-modernos que se desenrolam a partir da década seguinte, com autores que estão mais concentrados nos EUA. Aos autores vinculados à Nova Geografia Cultural, as geografias interpretadas em seus trabalhos compunham um quadro de representações da cultura que teria consequências para o mundo material. Ao longo termo, a ideia geral é

que estas contribuições a partir da cultura pudessem ser reconhecidas como partes de um sistema complexo, colocado lado a lado aos sistemas econômico e político.

Mais do que uma análise em si do esporte e dos seus sentidos espaciais, de um estudo de cunho etnográfico dos torcedores, ou de uma apologia das instituições que realizam cotidianamente o mundo do futebol, o filtro da Nova Geografia Cultural permite sugerir os usos que possuem a base estética, organizacional e comunicativa do futebol a partir de um discurso geográfico. Os modos pelos quais o que se desenvolve em torno do estádio é mobilizado para influenciar, controlar e conferir valores à formas de dominação é um fato muitas vezes reconhecido em plano jornalístico, mas poucas vezes tomado como matéria geográfica.

Com isso, podemos afirmar que não há qualquer tentativa de essencializar o espaço, significando-o fora do materialismo histórico-dialético. Pelo contrário, é buscado apresentar aquiuma visão de cultura cujo caráter seja elucidativo de seu processo social e suas relações de poder. Não há nenhuma expectativa que a produção simbólica esteja em nível acima do nível social, uma espécie de "mão-invisível", superorgânica, que definiria os limites da Geografia Cultural Tradicional Saueriana. Por conta disso, os conceitos que dão maior sustentação ao trabalho estão relacionados à tradição da Nova Geografia Cultural que entende, como aponta Cosgrove (1983, p.1), que a reprodução da vida material está em contato com a lógica da mercadoria, mas que não pode ser totalmente explicada por esta, tendo então uma reprodução da vida simbólica a ser discutida como parte da construção de um discurso geográfico. Segundo Cosgrove e Jackson:

> Os estudos culturais contemporâneos nos ensinaram a reconhecer (...) que as culturas são contestadas politicamente. A visão unitária da Cultura dá lugar à pluralidade de culturas, cada uma com suas especificidades de tempo e lugar. A cultura pode sempre ser representada como uma construção social e politicamente contestada (...)a geografia das formas culturais é muito mais do que mero reflexo passível das forças históricas que a moldaram; a estrutura espacial é parte ativa da constituição histórica das formas culturais (Cosgrove& Jackson, 2003, p. 142).

A chave do entendimento de cultura ao autor, assim como a outros geógrafos vinculados à Nova Geografia Cultural como Peter Jackson e James Duncan, passa pela análise marxista da produção e reprodução da vida material de forma a pensar que a cultura, como um sistema de códigos de comunicação, não é extrínseca ao trabalho, ou à economia como um conjunto à parte de crenças e símbolos. Pelo contrário, pois na concepção materialista da história nos tornamos verdadeiramente humanos ao produzir nossos meios de subsistência, sendo toda atividade humana, "ao mesmo tempo, material e simbólica, produção e comunicação" (Cosgrove,1983, p.1).

Essas atividades humanas criam, segundo Cosgrove (1983), um modo de vida compreendido através de estilos de vida e paisagens distintas, sendo possível entender como cada população se apropria do espaço e, em seu processo de produção e reprodução da vida, cria símbolos e objetos técnicos, pegando o termo utilizado por Santos (2014). O modo de vida, então, é fruto da mediação entre natureza e cultura, sendo esta mediação feita pela produção humana, que reproduz a natureza enquanto ambiente humano e os seres humanos como seres sociais (Cosgrove, 1983, p.3). Dessa forma, não há um desacoplamento entre sociedade e natureza, ou entre cultura e natureza, como Gonçalves (2007, p.380) aponta que ocorreu durante boa parte do pensamento racional europeu, cuja influência do Iluminismo levou à idealização da natureza e, no século XIX, a ideia da vitória da técnica sobre essa natureza.

Uma vez que o modo de vida é essencial na produção e reprodução da vida material de qualquer grupo, na sociedade de classes, a cultura é o produto da experiência de classes, havendo assim uma hegemonia cultural da classe dominante. Sobre isso, é interessante o ponto em que Cosgrove (1983, p.5) diz que a "produção material é, em si, tanto instrumento de atividade ideológica como vice-versa", sendo então que cultura e ideologia não existem uma sem a outra. A cultura hegemônica cumpre um papel de estruturar conhecimento

e comunicação, senso comum e a base da ordem moral. No caso do capitalismo, claramente a cultura burguesa é a dominante.

De modo a terminar o raciocínio de Cosgrove sobre cultura, aponta-se aqui que

Se toda a produção humana é simbolicamente constituída, podemos reafirmar os modos de produção como modos de produção simbólica. Cada um é um modo de vida diferenciado por relações características de produção que estruturam forças produtivas. Mas estas relações de produção são culturalmente diferenciadas através do foco da produção simbólica do qual o significado é mapeado através de todos os níveis estruturais (COSGROVE, 1983, p.6)

A relação dialética entre a produção da mercadoria e a produção simbólica da vida se dá através da maneira como ambas se influenciam. Por exemplo, quando nos defrontamos com a influência na produção de mercadorias é possível pensar em quais mercadorias têm mais valor dentro de determinada sociedade, a escolha de gostos, a questão da publicidade. A produção de mercadorias também influencia na produção simbólica da vida, pois os símbolos são modificados, destruídos ou construídos conforme os interesses e as necessidades do grupo que detém o domínio do espaço (Cosgrove, 1983, p.3). De forma a exemplificar isso, podemos pensar nas formas como o espaço urbano é modificado pelo capital conforme suas necessidades de reprodução (Lefebvre, 2016, p.19)[1], possibilitando assim modificações expressivas na paisagem e, pensando no caso específico do futebol, Mascarenhas (2014, p. 216) mostra que o ambiente e a estrutura das novas arenas de futebol remete ao consumo em oposição ao ambiente de expectação das massas caracterizado pelos estádios das décadas de 1960 e 1970.

Em síntese, o pensamento da Nova Geografia Cultural vai apontar que o fator de união entre os aspectos do ser social, do trabalho e da consciência, é a cultura. Cultura é entendida então como um sistema de significados, eximindo a necessidade de uma definição precisa como objeto. Essa definição de cultura está em consonância à definição de Geertz (1989), uma vez que ao autor cultura seria um sistema de significados e a análise desse sistema, de forma que a cultura está em todos os níveis de comunicação, sendo que se assim não fosse, gestos e símbolos não seriam entendidos, ou teriam qualquer valor a um determinado grupo social.

O autor exemplifica através do caso de uma simples piscadela comparado a um tique: "contrair as pálpebras de propósito, quando existe um código público no qual agir assim significa um sinal conspiratório é *piscar*" (Geertz, 1989, p.5, grifo do autor). Piscar, na ocasião, tem uma mensagem clara a um interlocutor que, por sua vez, necessita da informação prévia sobre aquele gesto para o completo entendimento desse código. Williams (1992) vai reforçar o argumento de cultura como sistema de significados ao apontar que através dessa que "uma ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada".

Pensando no caso do entorno de um estádio de futebol, a importância de entender cultura é saber o contexto e analisá-lo, a fim de entender como esses grupos comunicam suas histórias, suas tradições e o que se mobiliza de modo a criar territorialidades. Além disso, é curioso pensar que além dos símbolos falados ou gesticulados, há uma gama de outros símbolos que são criados (ritualizações, cânticos, formas de ocupar um lugar, construção de mitos) e, em uma determinada paisagem, possibilita o entendimento social e político sobre esse lugar (Duncan, 2001, p.387).

Paisagem, para Duncan (2004, p. 106-109), significa um dos elementos centrais em um sistema cultural, por conta de agir como criador de signos "através do qual um sistema social é transmitido, reproduzido, experimentado e explorado". Portanto, a paisagem tem um caráter textual capaz de codificar e transmitir informações, além de ser elemento ideo-

1 Sobre essas modificações no espaço urbano, Lefebvre (2016) vai apontar que a cidade antes da Revolução Industrial tinha o sentido de obra, ou seja, dispunham de uma única centralidade e suas construções visavam um significado social a todos os membros daquela sociedade. A negação disso, a cidade industrial, destruiu o sentido de obra, segundo o autor, e lhe foi imputado um sentido de facilitador na produção e circulação de capital e mercadorias. Uma vez que esse modelo de cidade tenha sido superado, por outro cuja reprodução do capital se dá no próprio espaço, o sentido da cidade como obra ainda não foi recuperado.

lógico ao esquecimento de algo.

De modo a entender a paisagem, o autor sugere uma investigação em frentes. A primeira explora o impacto de objetificação, a eficácia da paisagem como veículo concreto, visual, de sutil e gradual persuasão. A segunda examina os tropos que encontramos numa paisagem, que codificam e transmitem informações pelas quais os leitores podem, ou não, ser persuadidos da correção, do caráter natural, ou legitimidade dos discursos hegemônicos (Duncan, 2004, p. 110).

De forma a elucidar como a paisagem é dotada de textualidades através da construção de objetos técnicos e simbólicos, Duncan *et al* (2001, p.87) dizem que um grupo social é capaz de mobilizar capital cultural e econômico para criarem paisagens com poder de incorporar seus valores morais e identidades de forma a excluírem as demais.

Normalmente, as paisagens tendem a parecer naturais ou inevitáveis àqueles que vivem e trabalham nelas. Exceto sob circunstâncias excepcionais, (...), a tangibilidade e aparente transparência das características da paisagem tendem a convencer o observador local da paisagem de que as relações sociais, políticas e econômicas permitidas pela sua organização são estabelecidas naturalmente, ou mesmo divinamente. (DUNCAN, 2004, p.109)

No caso de um estádio de futebol, e mais especificamente do Santos Futebol Clube, é possível pensar no risco de naturalização paisagística de quem se apropria do estádio e de seu entorno. O Santos, por exemplo, é o único clube em divisão nacional de sua cidade, tendo então um caso peculiar onde a identidade da cidade não é partilhada por outros clubes, sendo que é possível à classe hegemônica da cidade se utilizar do clube e imputar uma série de discursos a seu favor, sendo este inclusive um dos pontos que o trabalho visa elucidar. Discursos paisagísticos podem ser feitos de forma a mobilizar pessoas sem que essas realmente se atentem para esse caráter político, da mesma maneira como o processo de produção de mercadorias é alienador.

Defendemos que não somente a classe hegemônica que domina o clube é capaz de alterar a paisagem em seu favor. É entendido nesse trabalho que há outros grupos capazes de modificar e criar símbolos paisagísticos, ainda que com limites distintos de ação. Grupos de torcedores com mesmo uniforme, faixas, bandeiras, símbolos próprios – e outros apropriados, são capazes de criarem seus discursos que, dependendo de sua influência dentro da comunidade urbana (Bale, 2000, p.101) do clube, têm força suficiente, ou não, de mobilização.

Recordando que o conteúdo da territorialidade é forma na qual um grupo comunica ou expressa seu domínio sobre uma determinada área (Sack, 1986, p.19), é perceptível que a textualidade da paisagem influencia na construção de uma territorialidade. Uma torcida organizada quando ocupa um determinado lugar em um estádio, ou quando entra faltando poucos minutos para o início da partida (Toledo, 1996, p.16), claramente está comunicando um poder sobre um determinado setor do estádio. Portanto, é através da leitura observação dos signos na paisagem e as relações sociais ali presentes que se evidenciam os atores hegemônicos.

Assim, é elucidado o fato de um grupo hegemônico, no ato de expressar sua identidade através da paisagem, está comunicando seu poder sobre aquele lugar e, mesmo de maneira inconsciente, há a tentativa de anular as demais identidades desterritorializando-as, restando aos grupos de menor pensar em estratégias de reterritorialização (Haesbaert, 2004, p.20), ou seja, formas alternativas tanto materiais quanto simbólicas, de agirem politicamente e se socializarem dentro do domínio de outrem. Os tropos da paisagem, então, são compostos primeiramente como uma alegoria (Duncan, p.112, 2004), sendo que através dos signos, símbolos e ícones as pessoas, e especialmente dos grupos hegemônicos, contam uma história sobre si próprias, as relações dentro de seus grupos.

De acordo com essa perspectiva, as paisagens não satisfazem simplesmente os requisitos óbvios, mundanos, funcionais (as áreas residenciais suburbanas fornecem um ambiente no qual o trabalho pode se reproduzir), nem representam apenas as criações culturais localizadas. Em vez disso, através do vocabulário de várias formas convencionais – signos, símbolos, ícones e tropos especializados em paisagens -, as pessoas, particularmente as pesso-

as poderosas, contam histórias carregadas de moral sobre elas mesmas, sobre as relações sociais dentro de sua comunidade e sobre suas relações com a ordem divina. (DUNCAN, 2004, p.113).

Outro tropos possível de uma paisagem é a metonímia (Duncan, 2004, p.113), ou seja, símbolos não precisam representar fielmente algo, porém podem através da parte pelo todo dar significação que remeta a algo. Por fim, a paisagem pode ter como tropos a estrutura recorrente de uma narrativa, definida por um "sistema de repetições estrategicamente projetadas pelos construtores da cidade empregadas pelo rei para assegurar a máxima repetição da mensagem" (Duncan, 2004 p.116).

Portanto, a paisagem carrega uma enorme quantidade de informações que nos permite elucidar fenômenos sociais e estruturas de poder presentes em um lugar. Lembrando que os elementos simbólicos na paisagem estão além dos elementos visuais, as construções e pinturas, podendo ser observados através de elementos ritualísticos, cânticos e toda mensagem ou tradição[2] que possam ser expressas.

Cosgrove (1983), Duncan e Duncan (2001) vão acrescentar mais elementos para a análise da paisagem e dos conjuntos simbólicos produzidos por um grupo social. Cosgrove argumenta que é necessário estudar a formação socioespacial de um lugar para apreender quais são os elementos simbólicos importantes e os Duncan (2001) exemplificam com o caso de Bedford, uma cidade construída no século XVII na Nova Inglaterra. Segundo a descrição feita pelo autor, a cidade conserva até os dias atuais características paisagísticas das casas dos tempos da colônia, como forma de simbolizar o grau de pertencimento a uma cultura anglo-saxã de cunho protestante. É possível notar que esse orgulho é posto no desprezo dos moradores a qualquer construção dita como moderna, assim como na instalação de símbolos como águias por toda cidade.

A descrição de Duncan e Duncan (2001) claramente tem um corte classista específico: tratam-se de pessoas de classe média alta cujos principais pontos de socialização são a escola particular, as igrejas (com maior destaque à igreja presbiteriana) e o clube de golfe. Esse grupo social produz um discurso sobre os Estados Unidos e sobre sua própria comunidade, pondo como marginais outros grupos sociais, como os negros e os italianos católicos taxados de "pessoas da classe trabalhadora".

> Dessa forma, é possível dizer então que a cultura faz parte de toda a produção e reprodução da vida material, sendo um conjunto simbólico estabelecido de maneira pública em um determinado grupo social. Dito isso, em uma sociedade de classes o espaço se torna parte da reprodução tanto do capital quanto dos símbolos do grupo social hegemônico, no caso a burguesia, criando objetos técnicos e uma paisagem que reforçam o pensamento dominante e ajudam a esconder as contradições da produção. Assim, o trabalho segue com a observação da paisagem e a discussão acerca do método utilizado.

A construção da identidade da cidade

A análise aqui proposta à observação da paisagem se apóia no método utilizado por James Duncan e Nancy Duncan (2001) para descrever como a paisagem é produzida por grupos hegemônicos dentro da cidade de Bedford, na Nova Inglaterra. Ali, os autores se utilizaram da observação de objetos e adereços que pudessem apontar qualquer tipo de produção ideal sobre aquele lugar, os locais onde os grupos sociais estudados se encontravam e o entendimento de quem eram os moradores inseridos nesses setores distintos da cidade especialmente dentro do recorte de classe e religião. Além disso, Duncan *et al* (2001) buscam compreender o processo de formação sócio-espacial de Bedford a fim de elucidar como esses símbolos são compreendidos e comunicados dentro daquela comunidade. Apontam os autores que sem entender a formação sócio-espacial não seria possível

2 Tradição entendida por Duncan (1973) como uma seleção de determinados rituais e festas que são escolhidos por agentes hegemônicos de modo a ser repetida por todo um grupo social.

entender o uso de estátuas, bandeiras e outros adereços que remetiam ao passado das 13 Colônias, pois, para além de um tom nacionalista, esses símbolos criam uma narrativa favorável à elite da cidade composta por descendentes diretos das famílias que ali se estabeleceram nos séculos XVII e XVIII. Assim, sem o entendimento histórico, não seria possível observar que a propagação desses símbolos em Bedford atinge especialmente aos imigrantes italianos, formadores da classe média da cidade, e de afroamericanos, a população mais pobre, como se devessem se enquadrar nos padrões da tradição criada pelos pioneiros, não só como se fossem locais, senão de toda a história dos Estados Unidos.

Nesse ponto, acreditamos que exista uma aplicação possível dessa metodologia para o estudo da produção simbólica no entorno da Vila Belmiro em Santos (SP). É necessário, para tanto, entender qual o processo de formação sócio-espacial dessa cidade, pois, por mais que a maioria da torcida do clube não more no município[3], o Santos, como objeto simbólico da comunidade urbana da cidade, tem sua construção naquele lugar. Mello (2008) aponta que a principal modificação na formação urbana santista se deu a partir do momento em que o café impulsionou a economia da cidade, atraindo moradores, expandindo o cais do porto e, devido ao aumento populacional, tornando insalubre morar próximo ao centro, por conta das várias epidemias que assolavam a população. No final do século XIX, córregos não canalizados recebendo esgoto doméstico, zona portuária sem cais, e frequentes inundações faziam do centro de Santos um local pouco visado à residência da elite local.

O município de Santos é formado por duas áreas: a primeira, continental, onde praticamente não há população fixa ali por conta das grandes áreas de preservação ambiental de manguezais e a escarpa da Serra do Mar; a segunda, insular, divide a Ilha de São Vicente com o município homônimo e abriga a sede do município. A parte insular da cidade, como pode ser observado na figura abaixo, é divida pelo Maciço de Santos[4], separando a cidade em duas áreas menores: a Zona Noroeste, do lado mais à esquerda, e a área central da cidade. Essa divisão, para além da geomorfologia, representa uma divisão econômica entre os morros e a Zona Noroeste, áreas de bairros populares; e a zona central, com os melhores índices socioeconômicos de Santos.

Araújo Filho (1964) descreve que a pequena cidade de Santos, a partir da construção dos novos cais do Valongo, Macuco e Paquetá, começa a crescer economicamente e demograficamente. Essa elite abastada pela compra e venda de café proveniente do interior do estado de São Paulo, segundo o autor, começou a construir habitações próximas à orla, onde já havia algumas chácaras e casas de veraneio. A partir de então, há o planejamento em direção ao mar, criando-se canais de escoamento de esgoto e águas pluviais, até hoje muito presentes na paisagem e na malha rodoviária da cidade. Araújo Filho aponta que o poder público municipal planejou todo o terreno compreendido entre a velha cidade próxima ao porto e as praias. Assim os rios foram canalizados evitando enchentes e problemas de saneamento público e, ao redor destes, toda uma malha rodoviária foi criada visando atender o deslocamento das classes altas ao setor até então mais distante da cidade.

3 Segundo Pereira (2020), a maioria dos torcedores do Santos vive na Região Metropolitana de São Paulo. Na Fonte abaixo, nota-se que o Santos tem 690 mil torcedores somente na cidade de São Paulo, enquanto Santos tem menos de 500 mil habitantes (IBGE, 2019). .

4 Segundo Aziz Ab'Saber (2010), um conjunto de paleoilhas de rochas cristalinas, conhecido como "morros" pela população da cidade, sendo alguns povoados.



Figura (1): Bairros insulares de Santos. Fonte: Sec. Turismo de Santos

Quando o estádio foi inaugurado em 1916 já havia, portanto, todo o traçado das ruas, tanto das grandes avenidas à beira dos canais quanto das ruas pequenas. Segundo Mello (2008), naquela época o foi uma das novas áreas de moradia dos trabalhadores do porto, recebendo primeiramente o nome de Vila Operária. Até hoje a Vila Belmiro tem vilas e casas do período, normalmente sobrados geminados com janelas para a rua. Outras casas e alguns prédios residenciais, mais espaçosos, pertencem a uma segunda leva de moradores.

O arruamento datava da década anterior, realizado por Saturnino de Brito (Mello, 2008, p.117) e a paisagem da vila era composta por sobrados geminados com menos de 5 metros de frente, sem espaço entre a calçada e os cômodos da casa. Atualmente é possível verificar ainda muitos desses imóveis, partilhando a paisagem com novos empreendimentos de classe média, como edifícios residenciais.

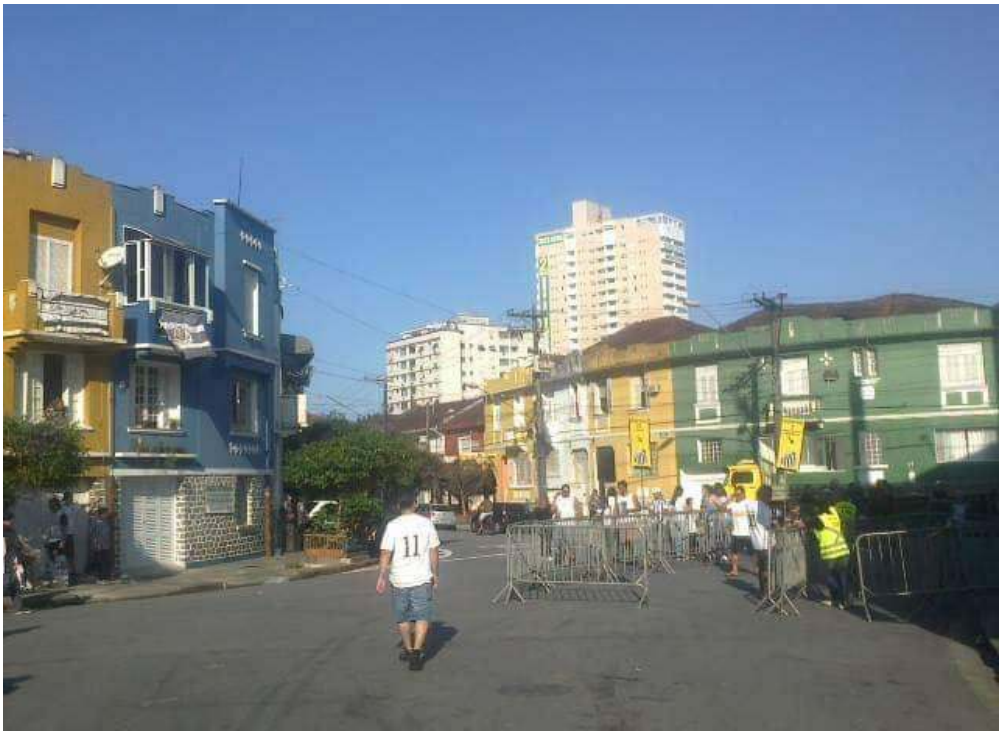

Figura (2): Arredores da Vila Belmiro, cruzamento da Rua Tiradentes com a Rua D. Pedro I.
A paisagem é composta pelos velhos sobrados construídos no início do século XX. Foto: Rodrigo Accioli Almeida (2015).

No entanto, ao contrário ao que é possível encontrar na orla da cidade, a Vila Belmiro não é composta por prédios com mais de 5 ou 6 andares. Um argumento possível para elucidar isso seja a maior proximidade ao centro velho da cidade do que em relação às praias, sendo o bairro cortado por duas grandes vias de circulação no sentido centro-praia: os ca-

nais 1 e 2, respectivamente Avenida Senador Pinheiro Machado e Avenida Bernardino de Campos. O estádio, inclusive, situa-se entre as duas avenidas.

Monbeig (2004) diz que os motivos do crescimento rápido da cidade se deram pelo vertiginoso crescimento da economia cafeeira paulista, cujo escoamento e especulação passavam pela Bolsa do Café e pelo porto de Santos. Aliás, ao autor elucida que durante o Ciclo do Café, finalizado em 1930, a importância de Santos dentro da economia brasileira se dava de forma a ser independente das disputas entre as elites de Campinas e São Paulo como capital da província. Por ser zona portuária e abrigar a Bolsa do Café, a cidade tinha influência nacional, com uma elite independente em seu papel em relação à capital. Pensando que o futebol foi um esporte de elite durante as primeiras décadas do século XX, como aponta Mascarenhas (2014), não é surpresa que a cidade de Santos possuía uma equipe na Associação Paulista de Sports Athléticos (APSA, atual Federação Paulista de Futebol) já na década de 1900, o Americano. Inclusive, o Santos é criado no momento em que o Americano muda de sede instalando-se em São Paulo, o que tornou a cidade órfã de um time até 1912, quando o "Peixe" é fundado.

Em meados dos anos 1940 e 1950, Araújo Filho (1964) aponta que os morros começam a serem ocupados pela população pobre, pois houve uma valorização do preço de imóveis nas antigas áreas operárias, que por conta de sua localização próxima ao centro e também à orla, acabaram sendo atrativas à classe média. Assim, moradores de maior poder aquisitivo acabaram transformando a paisagem da Vila Belmiro. Tanto Mello (2008) quanto Araújo Filho apontam que com a criação da Via Anchieta (SP 150) o número de turistas começa a fomentar o processo de verticalização urbana do município de Santos em sua faixa litorânea.

Desse modo, a cidade e todo seu arruamento foram sendo ocupados por prédios de apartamentos de segunda residência. Araújo Filho (1964) aponta que Santos a partir de então se expandiu, sendo que sua área urbana de fato englobou o município São Vicente e o bairro de Vicente de Carvalho, no Guarujá. A periferia, segundo o mesmo autor, ficou restrita aos bairros do outro lado do Maciço de Santos, especialmente dentro do município de São Vicente, restando ao sítio original uma ocupação predominantemente de classe média.

Atualmente, a cidade tem grau de urbanização em torno de 99,3% de sua área e uma população de 424.599 habitantes. A cidade possui um Índice de Desenvolvimento Humano (valores de 0 a 1) altos em comparação ao estado de São Paulo, alcançando 0,840 contra 0,783 da média estadual e uma renda *per capita* (divisão de 1.364,92 reais, enquanto a média estadual é de 853,75 (SEADE, 2016). Pensando nas modificações sofridas no Brasil e em Santos durante o século XX, é possível perceber que a cidade perdeu importância que tinha no início do século XX. Atualmente, o IBGE (2019) coloca a cidade de Santos como capital regional nível 3 dentro da rede urbana brasileira enquanto São Paulo é uma metrópole nacional. Apesar da diminuição da influência da cidade na rede urbana, o Santos F.C. se firmou como um dos maiores clubes brasileiros em torcida e em número de títulos, alcançando fama internacional. Portanto, a produção simbólica da cidade de Santos tem no clube de futebol uma grande centralidade, uma vez que times de todo o país jogam anualmente na Vila Belmiro.

Antecipando um pouco os resultados, encontramos na cidade de Santos dois objetos simbólicos que ligam o clube à identidade da cidade. Curiosamente, ambos construídos pelo poder público. O primeiro, a escultura de 35 metros de um peixe na entrada da cidade cuja idéia do autor Ricardo Campos Mota, segundo a entrevista a Fundação Arquivo e Memória de Santos (2020), era juntar um dos totens simbólicos do Santos FC, o peixe, com o fato da cidade ser litorânea. O segundo é o relógio digital do Centenário, na Praça das Bandeiras de frente à Praia do Gonzaga, que fazia a contagem de horas até o aniversário de 100 anos do clube em 2012 e servia até 2019 como ponto turístico na orla.

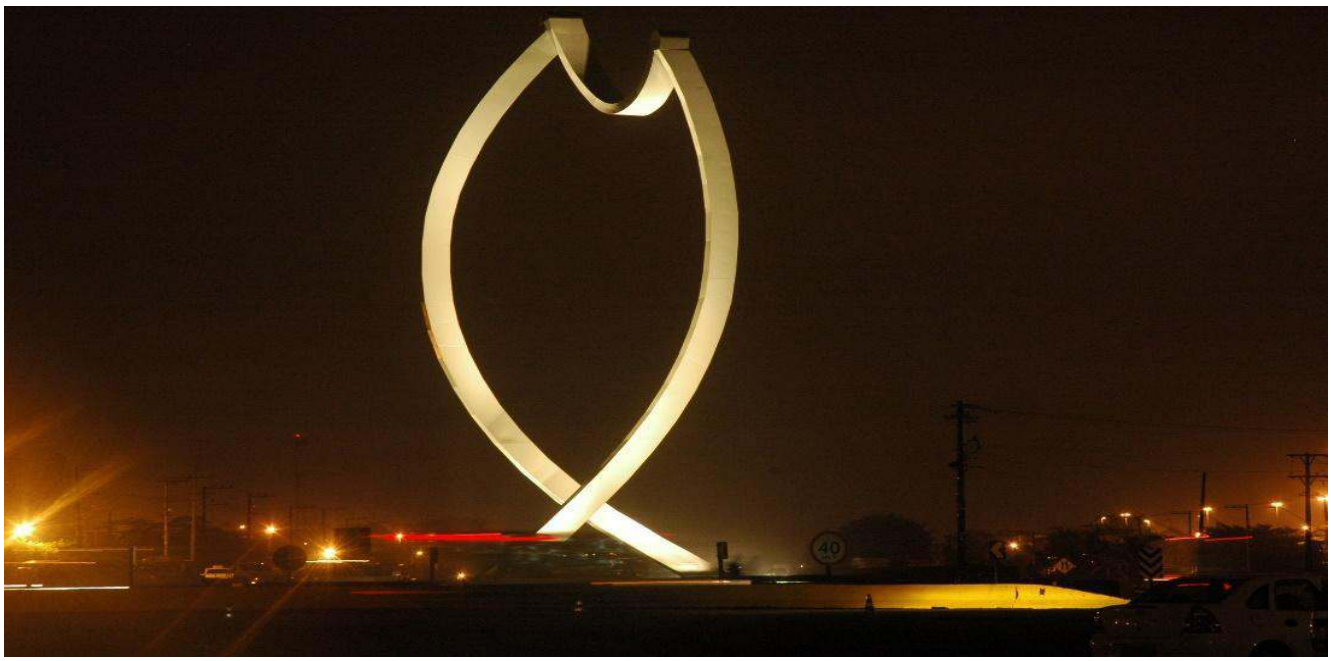

Figura (3): Escultura do Peixe na entrada de Santos pela Rodovia Anchieta. Foto: Anderson Bianchi, Prefeitura de Santos.



Figura (4): Antigo relógio e totem do Centenário do Santos FC na Praça das Bandeiras, orla da cidade. Foto: Alvinegro da Vila.com

Para poder passar ao campo dos resultados, abaixo, era necessário entender então o processo de formação da cidade de Santos, para depois ir a campo, colher registros simbólicos que apontem o uso da paisagem próxima ao estádio pela elite santista. Por conta do objeto pesquisado, o trabalho preteriu outras formas de territorialidades, fixando a atenção nos usos políticos que a as narrativas poderiam servir à elite econômica e política da cidade. Além disso, é necessário entender um pouco sobre o motivo do Santos FC ser um objeto simbólico de sua cidade.

Para tal, é preciso entender a sociabilidade e os elementos formados a partir do sentimento de pertencimento a um clube de futebol. Toledo (2010) aponta que o sentimento de pertencimento, a formação identitária, é um processo de experiências individuais dentro

de um evento coletivo, cujas memórias afetivas em reação às subjetividades presentes no jogo, sendo adquiridas no ato de torcer de maneira individual e coletiva, dá significado àquela multidão, aos objetos ali presentes, e seus símbolos. Portanto, novamente se coloca a questão simbólica e a experiência, o mundo vivido (Cosgrove, 1983, p.5), como elementares na elucidação das relações entre esse grupo de pessoas.

Não importa exatamente o quanto é consumido, afinal o futebol mesmo espetacularizado nem sempre é puro entretenimento, pois o torcedor está suscetível a temporadas de baixo rendimento de sua equipe, ocasionando angústia e sofrimento, sem que, necessariamente, haja algum momento reconfortante, ou de alegria. O mais importante, seguindo o raciocínio de Toledo (2010, p.182), é o conjunto simbólico coletivo e o individual, expresso nas roupas, nos adereços e nas bandeiras. O futebol pode ser entendido então, como uma metáfora social, antropológica, religiosa e linguística (Franco Jr., 2007, p.165). Dentre essas, a antropológica, a religiosa e a linguística nos ajudam a pensar como esse grupo de torcedores se reúne e constrói um conjunto simbólico.

Não há, então, outro espaço possível para a formação dessas identidades senão o espaço urbano (Toledo, 2010, p.210), pois é na cidade onde existem diversas identidades dadas no cotidiano que o indivíduo as expressa através de seus vestuários, cânticos e bandeiras. A relação "nós e eles" no futebol é interessante, segundo o autor, pois são grupos cujos interesses no esporte são os mesmos, vivenciando-os de maneira semelhante, e portanto, entendem os mesmos códigos. É evidenciado que as diferenças de ritos, símbolos e mitos, pegando os termos de Franco Jr (2007), são realmente o que tecem a identidade perante um outro grupo de torcedores. A rua, para Toledo (1996), é então o grande ponto de sociabilidade desses grupos, o ponto onde são tecidas as relações identitárias para além dos estádios. Por conta disso, nosso trabalho visou entender estádio e seu entorno como um contínuo territorial, afinal como pontuou Toledo, a construção dessa identidade está na rua.

Portanto, aqui a rua será entendida como o espaço do entorno do Estádio Urbano Caldeira, por conta do papel simbólico e sentimental que essa estrutura tem perante o torcedor (Bale, 2010, p. 91), e também, por entender que o bairro e o clube se relacionam de maneira a um influenciar socialmente o outro (Augustin, 1988) e com influências nas decisões do poder público[5] (Gaffney *et al.* 2006, p.13).

Sobre a elite no futebol, Agostino (2012) aponta que desde a criação do jogo na Inglaterra vitoriana, a elite está presente no cotidiano desse esporte. De início, o futebol era praticado somente por membros da elite econômica - tanto na Inglaterra quanto em outros territórios, onde o futebol era exportado. No caso brasileiro, Mascarenhas (2014) aponta um histórico de saída gradual das elites do espaço de espectação, os estádios, para se confinarem nas diretorias dos clubes. No caso santista, pode-se citar o caso de Marcelo Teixeira, ir do clube a dono de um dos maiores conglomerados educacionais e de comunicação (Grupo Santa Cecília).

Assim, os resultados abaixo descritos visam mostrar como os grupos hegemônicos se utilizam do Santos e de sua capacidade de fomento identitário, constroem suas narrativas, e mobilizam pessoas e ações. Para tal, a comunicação a ser lida é a comunicação através dos símbolos da paisagem elucidando assim o conteúdo e as estratégias de territorialização desses grupos.

Territórialidade: símbolose comunicação

Os resultados apresentados nesse trabalho correspondem à temporalidade de uma tarde na qual os grupos políticos hegemônicos brigavam pela direção do clube em um dia de votação de impedimento do presidente do Santos. Nossa pesquisa reuniu uma quantidade

5 O estádio a Gaffney (2016) é algo *quase public* ou seja, um híbrido entre uma estrutura pública e privada. Há seletividade de entrada e uma gestão própria, como qualquer bem privado. Entretanto, devido às grandes aglomerações e às legislações específicas os estádios também são lugares onde há políticas públicas especificas, como mudança no arruamento, estrutura elétrica e de transportes, policiamento extra em dias de partida.

de registro de campo mais extensa, porém este dia demonstrava com particular força as estratégias para influenciar e controlar o comportamento de outros. Dessa forma, os resultados visam elucidar quais símbolos seriam mobilizados e qual o conteúdo da comunicação produzida. Inspirados na metodologia do trabalho de campo desenvolvida por James Duncan e Nancy Duncan (2001), o *memento* aqui foi produzido a partir de um trabalho de campo realizado dia 29/09/2018 por conta do afloramento de inúmeros discursos com vieses territoriais baseados em uma divisão política que transbordava os limites da política do clube, e dividia, ao menos no discurso, os torcedores entre os santistas da cidade de São Paulo e os santistas da cidade de Santos.

O ponto crítico que levou a essa produção discursiva entre ambos os lados foram os dois pedidos de *impeachment*, um deles focado em uma suposta relação de José C. Peres com uma empresa do ramo esportivo, o que fere o estatuto do clube, e a acusação de não zelar pela imagem do clube e de seu patrimônio, ao afirmar durante uma entrevista, onde o mandatário falou que "a Vila Belmiro é um puxadinho" (ESPN, 2018). Não entrando no mérito da validade das denúncias, fato é que desde as eleições de 2018 havia no clube uma divisão entre 2 ou 3 grupos políticos que envolviam interesses e pessoas influentes da cidade, como Marcelo Teixeira, Bruno Covas, Armando Gomes, José Carlos Peres dentre outros.

A partir de então, houve recolhimento de material que buscasse entender como o processo de *impeachment* possibilitava o afloramento de discursos com viés territorial entre os grupos políticos do clube. Dentre o material, encontraram-se falas de conselheiros e âncoras de televisão em conluio com o grupo atual da oposição à diretoria do Santos FC. É necessário salientar que alguns desses registros, como o do conselheiro Márcio Rosas[10], nos chegaram de maneira muito espontânea e de forma que, conforme fosse realizada uma entrevista, jamais seria exposto de tal forma.

O grupo da oposição é composto no entorno de Marcelo Teixeira, filiado ao Partido Social-Democrata (PSD), ex-presidente do clube e dono do grupo Santa Cecília, de grande influência no ramo universitário, e no ramo da comunicação na cidade de Santos. Além de Marcelo Teixeira, o grupo também conta com o policial civil Orlando Rollo, vice-presidente do Santos FC e ex-candidato a vereador pelo Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB), na cidade, em eleições anteriores. Dentro desse grupo da oposição está parte considerável das famílias mais tradicionais santintas, incluindo o ex-presidente Modesto Roma Júnior[6], atrelados a uma política de valorização das tradições do clube quanto patrimônio dos cidadãos santistas.

O grupo situacionista, liderado pelo presidente José C. Peres, reúne correligionários de uma visão de um clube mais propenso a jogar em São Paulo. Devido ao fato de ter mais torcedores na capital, a diretoria atual pretendia levar as partidas vistas como importantes à temporada da primeira divisão nacional ao "Pacaembu" (Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho), ideia vista pela oposição como um abandono à Vila Belmiro[7] e ao lugar de fato do clube. Além disso, a direção do Santos FC era parte interessada no projeto de concessão do Pacaembu, estando inclusive em parceria com uma empresa que concorre na atual licitação[13]. Inclusive, há sinalização de apontar uma maior centralidade da capital em relação à cidade de Santos, em casos como a apresentação do atual técnico Jorge Sampaoli no *Santos Business Center*, um prédio localizado próximo ao Pacaembu em São Paulo, em detrimento a sala de imprensa do clube em Santos. Esse estádio, aliás, muito mais utilizado nessa gestão que na anterior como local onde o clube mandou seus jogos.

O dia da votação foi o dia escolhido ao trabalho de campo pela possibilidade de estudo da paisagem em um dia marcado pela alteridade entre a oposição e a diretoria do clube. Durante administração anterior, de Modesto Roma Júnior, criou-se um jargão famoso para afastar qualquer possibilidade de jogos em São Paulo, pois "o Santos nasceu e foi glorioso na cidade de Santos". Em uma roda de conversa sobre o clube envolvendo o ex-presidente

6 Tanto Marcelo Teixeira quanto Modesto Roma Júnior são filhos de ex-mandatários do clube, no caso filhos respectivos de João Teixeira e Modesto Roma.

7 É necessário salientar que havia membros da família de Marcelo Teixeira, como seu irmão, apoiando a chapa de Peres durante as eleições de 2018.

Modesto Roma Jr. e o apresentador Armando Gomes, conselheiro do clube e apresentador do Programa Esporte por Esporte da TV Santa Cecília, o apresentador comentou que "o Santos é de Santos. O Corinthians tem torcida na Praia Grande, por que o Corinthians não faz um estádio lá".

Dentro do material coletado previamente, encontram-se áudios de conselheiros do clube, como o Sr. Márcio Rosas dizendo "*quem fosse votar saindo da capital contra o impeachment seria impedido na* [Rodovia] *Imigrantes* (sic)";faixas com o conteúdo "*fora turistas*", além de discussões em redes sociais e no jornalismo, nos quais há oposição entre torcedores residentes na cidade de Santos e da cidade de São Paulo, sobre onde o clube deve construir um estádio, mandar seus jogos e qual torcida é mais presente.

Na realidade, a territorialidade mais sensível, aquela que realmente organizou e mobilizou ações de ambos os grupos, foi criada pelo discurso da oposição. Como será elucidado abaixo, a construção narrativa desse grupo visou amarrar a identidade do clube ao pertencimento à cidade de Santos.Uma estratégia inteligente, uma vez que o Santos FC é um objeto simbólico com apelo em toda a cidade de Santos, mesmo aos torcedores de outras equipes e, como visto, gera todo um sentimento clânico em torno de si.

Na paisagem da Vila Belmiro, foi possível verificar duas faixas colocadas pela oposição com teores de comunicação de uma territorialidade explícitos. Pensando em termos de símbolos, as duas tinham na base o desenho dos parapeitos da orla, vistos pela população como um elemento identificador da cidade de Santos. Em termos de conteúdo, a primeira tinha como dizeres "Cidade X José Carlos Peres", colocando o presidente do clube como um inimigo dos interesses do cidadão santista. A segunda, nos mesmos moldes da primeira, dizia "José Carlos Peres devolva o título de cidadão santista", também pondo o presidente como um inimigo da cidade.



Figura (5): Faixa "Cidade x José Carlos Peres" acima do bar onde se concentravam os oposicionistas. Notam-se a mureta e também o brasão da cidade junto ao símbolo do próprio Santos FC. Foto: Rodrigo A. Almeida, 2018.



Figura (6): Faixa "Fora Peres de Santos! Devolva o título de cidadão santista". Novamente observa-se a mureta como elemento simbólico. Foto: Rodrigo A. Almeida, 2019.

Os parapeitos, conhecidos entre os moradores da cidade de Santos como "mureta" não foram colocados ali de maneira avulsa. A "mureta" é um símbolo identitário santista reconhecido pelo formato de inúmeros retângulos enfileirados ordenadamente cada qual medindo 50 cm de largura com círculos menores ao meio. Segundo reportagem da TV Tribuna (2014), essa marca paisagística está presente em boa parte da cidade: de início era possível observá-la apenas na orla do bairro da Ponta da Praia, ponto onde separa a Avenida Almirante Saldanha da Gama do Estuário de Santos. Com o tempo, a mureta foi implementada nas pontes sobre os canais pluviais da cidade, em parques, e em outros pontos da cidade.



Figura (7): Mureta de Santos na Ponta da Praia. Foto de: Antonio Delfim.

De trabalhos escolares a tatuagens, a mureta é vista pela população como um símbolo identitário que representa a cidade como um todo. A aceitação é tamanha que há lojas de souvenires especializadas na fabricação e venda de muretas em tamanhos variados para enfeites de casa, assim como outras peças de decoração e obras de arte. Ao abordarmos as muretas estamos lidando com um objeto simbólico que visa estabelecer um fator identitário comum, da mesma maneira como o próprio Santos FC e a estátua do Peixe.



Figura (8): Projeto Muretas no Jardim da Praia, da Sec. Mun. Turismo. Foto de: MelhordeSantos.com

Quando o grupo da oposição se utiliza da mureta nas faixas, claramente está visando uma tentativa de legitimação discursiva da posição tomada por esse grupo. A mensagem é clara ao interlocutor: o presidente não atende aos interesses da cidade de Santos e, por consequência, ao próprio Santos Futebol Clube. Assim, a mobilização desejada pela oposição era de colocar o presidente do Santos como alheio à sociedade santista, comunicando ao sócio votante uma territorialidade da oposição validada no pertencimento à cidade de Santos, no conhecimento e no trato de símbolos comuns e com o discurso que o Peres significava uma ameaça não só ao Santos FC, porém também ao elo que o clube tem com a cidade. O papel político dessa votação saiu da esfera do clube, pois era possível observar também figuras políticas da cidade da Baixada Santista ali, como um candidato a vereador pelo PSDB, assim como o presidente da Câmara dos Vereadores de Cubatão (SP).

O discurso situacionista não estava em faixas e dizeres possíveis de serem detectados na paisagem do entorno para além dos seguranças de uniforme preto contratados pelo clube. Odir Cunha, jornalista, alto-escalão da diretoria e conselheiro do clube, foi quem mais elucidou a contra-narrativa da diretoria para além das defesas relacionadas estritamente ao estatuto do clube. O jornalista atendeu ao pedido de entrevista, cuja pergunta inicial foi relacionada a questão da divisão entre torcedores da Baixada e torcedores da capital, e se isso havia chegado de alguma forma ao processo do *impeachment*.

Em linhas gerais, Odir declarou que há "xenofobia contra os torcedores da capital", além da necessidade dos grupos políticos da cidade de Santos fazerem isso de forma a manterem seu capital político intacto. Sua fala também foi em defesa da política de aproximação com São Paulo, assim como mandar o máximo de partidas possíveis no Estádio Paulo

Machado de Carvalho, o Pacaembu. Além de Odir, foi difícil encontrar algum conselheiro oposicionista, pois não estiveram do lado de fora do local de votação. Não houve acesso ao local de votação, pois ali só entravam os sócios do Santos FC.

Quase ao término do pleito, por volta das 16:30, em um bar na Rua Tiradentes (à frente da entrada principal do estádio) havia um conjunto de trabalhadores do Santos FC ligados à diretoria. Pelo número de garrafas de cerveja vazias na mesa, não estavam sóbrios e discutiam muito alto sobre o que ocorria nas dependências do estádio naquele dia. "Por mim, a gente demolia essa m...", esbravejou um "se eles acham que essa porcaria aí é um estádio, eles estão enganados. Só demolir que acaba a farra deles". Um outro respondeu "vê só o exemplo do Belluzzo [Luís Gonzaga]: um dos melhores economistas do país, deixou um estádio perto do metrô. Agora o Palmeiras está como? Com um estádio novo, vende lugar pra caramba, tem show, tem tudo. Isso é presidência, isso é futuro. E o Santos tem o que? O Santos tem esse bando de provinciano".

Portanto, ao menos em termos organizacionais houve um afastamento da diretoria em relação à cidade de Santos, mostrando como um discurso criado por um ator pode mobilizar diversos grupos de formas diferentes. Se o Conselho Deliberativo havia decidido que as urnas seriam postas apenas na cidade de Santos, diferentemente dos pleitos eletivos quando há urnas na sede da Federação Paulista de Futebol em São Paulo, a diretoria agiu para que os sócios da capital e todo um grupo de assessores e seguranças reforçassem a manutenção de José Carlos Peres. A comprovação em ato desse posicionamento foi o relato oferecido pelos motoristas de ônibus parados no Clube dos Portuários, próximo ao estádio, que esperavam o fim do pleito para retornarem à capital. Pelos relatos oferecidos por 7 motoristas (4 de vans e 3 de ônibus), foi consonante que o prédio do Santos *Business Center* serviu aos correligionários de José Carlos Peres como local de organização da situação, servindo de ponto de embarque de torcedores votantes, de seguranças contratados pelo clube e para reuniões anteriores ao pleito.

Analisando a estratégia da oposição e utilizando as proposições de Duncan (2004) sobre o entendimento do conjunto simbólico da paisagem local, é importante notar como suas duas maiores comunicações fundem os sentidos da palavra "Santos" como cidade e como clube em algo único. A produção simbólica da Vila Belmiro naquele dia trazia fragmentos (os áudios de Márcio Rosas, as faixas postas) de um discurso que sai do âmbito do entorno do estádio, e só pode ser entendido quando se compreende que a territorialidade comunicada pela oposição é a territorialidade baseada em uma identidade citadina. A junção discursiva entre a cidade de Santos e o clube homônimo só fazem sentido ao estudarmos como o estádio "Vila Belmiro" faz parte de um conjunto simbólico que forma e reforça a identidade local. Nesse ponto, a idéia das faixas, não apenas como comunicação de uma territorialidade ganha sentido, pois as faixas têm como teor o domínio da cidade em relação ao clube, deixando uma mensagem clara a Peres sobre seu caráter de forasteiro e induzindo aos eleitores da cidade a votarem contra o presidente.

A estratégia da oposição ao se apoiar em uma territorialidade envolvendo a cidade de Santos vai de encontro ao que Bale (2000) diz sobre o fato dos clubes de futebol serem símbolos de sua comunidade urbana. O autor relaciona a topofilia de seus torcedores com a abrangência que o clube atinge ao viajar e enfrentar equipes de outras regiões, e países, para elucidar a construção simbólica em uma determinada comunidade. No caso santista, é possível elencar alguns elementos que corroboram a esse papel simbólico exercido pelo clube sobre a cidade de Santos. Em primeiro lugar, a formação socioespacial desse lugar e a construção da identidade local; outro elemento é a motivação da formação do Santos FC no ano de 1912; por fim, a abrangência do clube e a inexistência de concorrentes em mesmo nível na cidade.

Sobre o primeiro elemento, não é pretendido novamente se alongar sobre a formação socioespacial de Santos, porém elencar os momentos históricos que auxiliem a compreensão da formação de uma identidade local. Destarte, a cidade de Santos foi fundada em 26 de janeiro de 1546, 8 anos antes da fundação de São Paulo, sendo que, ao nos debruçarmos

sobre a cidade durante o período colonial nas obras de Mello (2008) e Araújo Filho (1964), é interessante notar que o porto de Santos teve maior movimentação durante o período do cultivo da cana-de-açúcar em São Vicente, cidade vizinha. A relação com São Paulo não se estreita até o ciclo do café, a principal justificativa em termos da circulação de mercadorias entre o interior e o litoral paulista, segundo Araújo Filho (1964), era a condição precária da descida da escarpa da Serra do Mar. Isso, nas palavras desse autor, retirou de Santos qualquer possibilidade de exportar o ouro extraído em Minas Gerais no final do século XVII e durante todo o século XVIII. Dessa forma, os fluxos de mercadorias e pessoas entre Santos e São Paulo não eram constantes devido às condições técnicas existentes. Isso cria um distanciamento na formação de Santos e São Paulo, gerando uma identidade própria da população local, verificável em uma passagem ainda do Período Colonial narrada por Mello (2008), onde há uma briga entre duas facções de vendedores: a primeira se resumia aos comerciantes instalados mais próximos ao antigo centro da cidade, e a segunda daqueles que se instalaram mais próximos à saída da cidade com a finalidade de controlar os fluxos de mercadoria em sentido ao porto. A autora nos mostra que o conflito só se encerra depois de alguns anos, quando há a união de ambos os grupos contra a intervenção de tropas provenientes da capital da província, São Paulo, afinal, todos eram santistas.

Como os comerciantes eram a elite econômica da cidade no período, é interessante obrservar que o discurso, que tornou possível a união da classe em torno de um interesse comum, foi a identidade local contra o "inimigo" externo. Carreira (2020) mostra que uma das marcas da política santista durante a República Velha era a de ser uma contraposição aos interesses paulistanos. Essa diferença de interesses entre capital e a cidade Santos é apontada por Pierre Monbeig (2004) em termos econômicos: Araujo Filho (1964) mostra que o meio técnico que finalmente venceu a barreira física imposta pela escarpa da Serra do mar foi a linha de trem Santos – Jundiaí, cuja finalidade era a exportação do café produzido na província em direção ao porto. Isso, segundo Monbeig, tornou Santos independente economicamente tanto de São Paulo, quanto de qualquer outra cidade paulista, principalmente com a criação da Bolsa do Café na cidade. Assim, a elite econômica da cidade se via como independente da capital e com seus interesses próprios, criando a visão de uma cidade cuja importância se dava em nível nacional, uma vez que era onde se negociava e exportava o principal produto da economia brasileira naquele período.

Por fim, é notável que a disputa econômica e política entre Santos e São Paulo passou a pender à capital com a industrialização paulistana. Como apontam Silveira e Santos (2002), a industrialização paulista foi basilar à integração nacional e à criação de uma Região Concentrada no Brasil. Atualmente, segundo o mapa "Regiões de Influência das Cidades" (IBGE, 2018), enquanto São Paulo exerce influência de grande metrópole nacional, Santos exerce influência apenas como capital regional nível "3". Em outras palavras, São Paulo é a grande metrópole nacional e Santos exerce influência apenas em sua área próxima.

A oposição política entre as elites econômicas de Santos e São Paulo foram fundamentais na criação do Santos FC. Carreira (2020) apresenta através de registros de jornais, documentos, e atas do clube, na sua época de fundação onde há o interesse explícito da elite da cidade em ter um time de futebol que pudesse disputar a liga da APSA. Nessa liga estavam os clubes da elite paulistana como Germânia (atual EC Pinheiros), Paulistano, A.A. Palmeiras (nenhuma relação com a S.E. Palmeiras), Mackenzie e São Paulo Athletic Club. Nas palavras do historiador, o Santos FC é fundado em 14 de abril de 1912 como um clube de futebol cuja finalidade era representar a cidade e ser um símbolo possível de englobar todas as classes sociais. Há um sentido de territorialidade na construção e consolidação do clube como um time de futebol frente aos times da capital, pois comunica de maneira ritualizada durante as partidas do clube, como uma forma de união do grupo residente naquele lugar frente àqueles que são colocados como diferentes a essa comunidade, ou "forasteiros", utilizando a palavra utilizada em 2018 pela oposição santista aos sócios paulistanos do Santos FC.

Como último elemento, é interessante o fato do SantosFC ter sido criado com a intencionalidade de agregar todos os grupos sociais da cidade em torno do mesmo time. Essa intencionalidade teve êxito, pois embora a cidade de Santos também tenha como agremiações profissionais o Jabaquara e a Portuguesa Santista, apenas o Santos logrou manter-se disputando as principais competições, tanto em âmbito estadual, quanto nacional. Além disso, o time da Baixada Santista teve diversos jogadores convocados pela Seleção Brasileira durante as conquistas mundiais de 1958, 1962 e 1970, sendo o maior jogador dessa geração, simplesmente, Pelé. Nesse período, o Santos FC foi duas vezes campeão continental e mundial, seis vezes campeão nacional e excursionou por todo o mundo. Essas ações levaram o nome da cidade, e do bairro, aos mais diversos e inimagináveis lugares, ajudando a elucidar as razões do clube possuir torcida para além da cidade e, em via contrária, o papel simbólico do clube no cotidiano de Santos. Além de contar com Pelé de 1956 a 1974, o Santos FC ainda teve outras conquistas que o colocam como segundo maior campeão nacional, e um dos clubes mais importantes do mundo, recebendo da FIFA o prêmio de "Clube do Século das Américas".

Dessa maneira, os símbolos evocados pela oposição tentaram trazer à tona essa identidade local e delimitar uma territorialidade de modo a apontar o controle daquele espaço e do próprio Santos FC pelos "verdadeiros santistas". Ou seja, os dirigentes ligados às elites e aos "interesses" locais. Portanto, a partir da observação dos símbolos existentes na paisagem do entorno da "Vila Belmiro", foi possível registrar um discurso da oposição cujo conteúdo comunicava uma territorialidade. Para tal, foi preciso entender individualmente os símbolos ali postos, e relacionar com o processo de formação socioespacial da cidade e sua formação identitária. Da mesma forma como Duncan e Duncan (2001) encontram em Bedford um conjunto simbólico que comunicasse o domínio de um grupo social sobre os demais na cidade, no entorno da Vila Belmiro foi encontrada uma comunicação semelhante, nesse caso com a diferença de haver uma clara tentativa de mobilizar as pessoas a votarem contra o presidente.

A situação, por conta das promessas de campanha de mais jogos em São Paulo, onde reside boa parte da torcida do clube, deu margem à estratégia da oposição, inclusive por esta contar com nomes de famílias tradicionais como Modesto Roma Júnior e Marcelo Teixeira. De modo a elucidar como esse discurso da oposição tinha uma vinculação com a formação identitária da cidade, foi primordial recorrer à formação socioespacial de Santos. Com isso, este trabalho concorda com Cosgrove (1983) sobre a importância do estudo da formação socioespacial como metodologia de análise da paisagem.

Por fim, é possível observar o papel da paisagem na comunicação e na mobilização do domínio do Santos por parte de dos grupos hegemônicos. Embora a oposição não tenha conseguido o objetivo de derrubar José Carlos Peres, o importante é a observação da estratégia de acoplar o discurso contra o presidente ao discurso já consolidado do Santos, como um dos elementos de pertencimento ao município-sede da Região Metropolitana da Baixada Santista. As faixas, as mobilizações, o conteúdo dos aúdios e das conversas são elementos simbólicos. Como pode ser observado, a paisagem do entorno do estádio, em suas ruas mais próximas contava com esses elementos que foram construídos principalmente pelo grupo da oposição enquanto a situação se realocou, numa espécie de reterritorialização, em São Paulo.

Considerações finais

A partir da discussão metodológica e dos resultados obtidos, é possível pensar na importância da paisagem como fonte textual possível de informar e elucidar questões sociais e políticas presentes em um determinado lugar. É importante frisar que a paisagem *per se* não é capaz de fornecer toda a explicação necessária, pois seus discursos e símbolos, sendo integrantes de sistemas culturais só são entendidos e comunicados a quem tenha a mesma base cultural para poder ser lido. Para tal, fez-se necessário entender a formação sócio-espacial onde se insere o Santos, assim como observar símbolos que não estão no entorno imediato do estádio – talvez abrangendo assim o entorno, fora dos dias de jogos, ou do *memento* observado em campo, como toda a cidade nos dias comuns.

O Santos é um objeto simbólico em disputa. Nesse artigo foi mostrado apenas um episódio de um embate contínuo apresentando variação de intensidade conforme o tempo, portanto embora o memento aqui narre apenas um capítulo, é necessário ressaltar que foi apenas um episódio agudo, assim como o episódio narrado no início do artigo. Como visto no texto, a disputa se dá entre grupos de uma mesma elite na cidade, ressaltando novamente a existência de membros de uma mesma família em diferentes chapas conforme interesses pessoais. Ademais, há outras narrativas e outras tentativas de territorialidades, como é possível observar no geral sobre torcedores nos trabalhos de Toledo (2010) e Bernardo Buarque de Hollanda (2009). Analisando friamente, é possível notar que a idéia de que o "Santos é de Santos" entra em uma mistura de preservação da identidade local, da cultura como define Eagleton (2003) e também de interesses políticos, afinal um clube que movimenta milhões de reais por ano e está em uma rede articulada por uma instituição nacional, a Confederação Brasileira de Futebol, é óbvio que gera interesses outros para além da simples identidade local.

A comunicação da territorialidade então se deu por diversos meios. O primeiro, através das faixas que se utilizaram dos tropos da metonímia, parte pelo todo, para passarem sua comunicação. Aliás, sobre os tropos, foi possível perceber que a metonímia se baseou em uma alegoria, a mureta, para representar a cidade. O peixe na entrada da cidade, ao contrário da mureta, indica uma relação de pertencimento da cidade para com o time e não o reverso como era necessário naquele momento. Aliás, essa territorialidade expressa pelas faixas era uma territorialidade com temporalidades sobrepostas, pois há elementos constantes como o posicionamento do clube como parte da cidade e a necessidade de um discurso somente àquele momento da votação de *impeachment***.** Aliás, é interessante notar como os lugares tem um papel alegórico nas construções, como a Rodovia dos Imigrantes como lugar de conflito entre interesses diversos ou o Estádio do Pacaembu.

Sobre a comunicação da diretoria santista, as alegorias eram muito menos visíveis talvez pautadas em uma defesa de presunção de inocência ao invés de tentar se colar em outra seara de discussão. No entanto, o fato da organização situacionista ser na capital, contratar seguranças com empresas paulistanas e trazer ônibus ao litoral não deixam de ser também alegorias e uma comunicação afirmativa sobre as ligações do grupo com São Paulo assim como uma certa desconfiança com empresas e votantes da cidade.

Portanto, através da observação da paisagem foi possível entender sobre a territorialidade dos grupos hegemônicos no entorno de um estádio e que não se encerra apenas ali. Essas territorialidades são intrínsecas a jogos de poder maiores, devido a importância do Santos FC dentro de sua comunidade urbana, e como um símbolo que não só abrange a cidade, porém outras regiões do país. Assim, através de elementos culturais é possível pensar nas relações de poder existentes nos lugares assim como quem são seus atores hegemônicos, contra-hegemônicos e na diversidade de narrativas que disputam um mesmo lugar ou território.

Referências

AB'SABER, Aziz. "*Contribuição à geomorfologia do litoral paulista*". *In*: BARTORELLI, A; GAUTTIERI, C; MATENSSO NETO, V; CARNEIRO, C; LISBOA, M. (org). **A Vida e a Obra de Aziz NacibAb'Saber.**São Paulo: Beca-Ball Edições, 2010, p.126-145.

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer:** futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro:FAPERJ: Ed. Mauad, 2002.

ARAÚJO FILHO, José R. "A *expansão urbana de Santos*". *In*: AZEVEDO, A. **A Baixada Santista: Aspectos Geográficos–Volume III**. São Paulo: EDUSP, 1964.

AUGUSTIN, Jean Pierre. **Espaces Urbains et pratiques sociales**. Bordeaux: PressesUniversitaires de Bordeaux, 1988.

BALE, John. "*The changing face of football*: soccer and community". *In:***Soccer and Society,** vol.1, n.1, 2000, p.91-101.

BLOG DO PAULINHO. **Marcio Rosas, conselheiro do Santos, ameaça associados do clube em São Paulo**. Youtube. 2 de setembro de 2018. Disponível em: **https://www.youtube.com/watch?v=SL_mEelpXSU**. Visualizado em 01/12/2018. 1:11.

CARREIRA, Andre. MELLO, **A rua, a luta e o lúdico**: urbanização, trabalho e futebol na cidade de Santos (1892 - 1920). 2020. 170p. Tese de Doutorado – Departamento de História da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas daUniversidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

COSGROVE, Denis. "*Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria*". *In*: **Antípode – A Radical JournalOfGeography**. Worcester, n.15, 1983, p. 1-11

_____; JACKSON, P. "*Novos Rumos da Geografia Cultural*". *In*: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (org.) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

DUNCAN, James. "*A paisagem como sistema de criação de signos*. *In*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.) **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 91-132

_____. "*Landscape taste as a symbol of group identity*: a Westchester County village". *In*: **GeographicalReview**, vol 63, n.3 (JUL), 1973, p.334-355.

_____. "*O supraorgânico na geografia cultural americana*". *In*: **Revista Espaço e cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, n.13, JAN/JUN, 2002, p.7-33.

_____; DUNCAN, Nancy. "*The aestheticizationos politics of landscape preservation*". *In*: **Annals of Association of American Geography**,v.91, ano 2,2001, p.387-409.

Desenho das Muretas de Santos tornou-se símbolo da cidade**. TV Tribuna**, Santos, 01/01/2014. Disponível em: http://redeglobo.globo.com/sp/tvtribuna/noticia/2014/01/desenho-das-muretas-de-santos-tornou-se-cimbolo-da-cidade.html. Visualizado em 20/11/2018.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.l

FRANCO Jr, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade.**São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FUNDAÇÃO ARQUIVO E MEMÓRIA DE SANTOS. **Monumento do Peixe**. Santos, data indisponível. Disponível em: http://www.fundasantos.org.br/xvicba/page.php?22. Visualizado em 10/11/2019.

GAFFNEY, Christopher; MASCARENHAS, Gilmar. "*The soccer stadium as a disciplinaryspace*". *In:***Esporte e Sociedade**, nº1, Nov/2005-Fev/2006, p.1-16, disponívelem: <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/>. Acesso em 20/02/2017.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

GONÇALVES, Carlos W. "*A invenção de novas geografia*: a natureza e o homem, novos paradigmas". *In*: BERTHA, B. SANTOS, M (orgs). **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

GOMES, Armando. **Modesto Roma defende Santos como sede do Santos FC.** Youtube. Data: 28/08/2016. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=L9C_B_b4uNA. Visualizado em 01/11/2019.

HAESBAERT Rogério. **O mito da desterritorialização:** do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. T**erritórios alternativos.**Niterói: EdUFF; São Paulo: Contexto, 2002.

HOLLANDA, Bernardo B. "*Futebol, arte e política***:** a catarse na representação do torcedor". *In*:**O&S**, v.16, n.48, p.123-140, Janeiro/Março 2009.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro Editora, 2016.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e Bandeiras:** a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, 256p.

MELLO, Gisele H. **Expansão e estrutura urbana de Santos (SP):** aspectos da periferização, da deterioração, da intervenção urbana, da verticalização e da sociabilidade. 2008. 206p. Dissertação de mestrado –Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas daUniversidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MONBEIG, Pierre. "*O surgimento da metrópole* –Paisagens e problemas da metrópole". *In*: SZMRÉCSÁNYI, T. **História econômica da cidade de São Paulo**.São Paulo: Ed. Globo, 2004, p.15-115).

PEREIRA, Mauro C. Em São Paulo, Corinthians tem mais torcida que São Paulo e Palmeiras juntos. Fla é o 5º. São Paulo, **ESPN**, 09/10/2012. Disponível em: http://www.espn.com.br/blogs/maurocezarpereira/286264_ESPNem-sp-corinthians-tem-mais-torcida-que-sao-paulo-e-palmeiras-juntos-fla-e-o-5-BR. Acesso em 05/05/2020.

Peres punido por STJD após afirmar que 'VAR ajuda Flamengo'. **Lancenet!**, Rio de Janeiro, 11/08/2019. Seção de Esporte. Disponível *in* sítio: http://www.lance.com.br/santos/peres-punido-por-stjd-apos-afirmar-que-var-ajuda-flamengo.html. Acesso em 10/11/2019.

PIRES, Orion. Moradores tatuam símbolos da cidade para demonstrar amor por Santos (SP). **Portal G1**, Santos, 26/01/2016. Seção "Santos e Região". Disponível em: http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2016/01/moradores-tatuam-simbolos-da-cidade-para-demonstrar-amor-por-santos-sp.html. Visualizado em 20/11/2018.

Presidente do Santos Critica Vila Belmiro "Estádio puxadinho. Eu vou para lá e fico angustiado". **ESPN**, 18/05/2018, Disponível em: http://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/4317791/presidente-do-santos-critica-vila-belmiro-estadio-puxadinho-eu-vou-para-la-e-fico-angustiado. Visualizado em 10/10/2018.

SACK, Robert.**Human territoriality: its theory and history**.Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

Santos entra na disputa pela administração do Pacaembu. **Gazeta Esportiva**, Santos, 10/08/2018. Seção de Notícias do Editor. Disponível em: https://www.gazetaesportiva.com/times/santos/santos-entra-na-disputa-pela-administracao-do-pacaembu/. Visualizado em 30/11/2019.

SANTOS, Gabriel. José Carlos Peres x Orlando Rollo: entenda a crise política no Santos e seu mais novo episódio. **Globoesporte.com**, Santos,12/11/2019. Disponível *in* sítio: https://globoesporte.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/jose-carlos-peres-x-orlando-rollo-entenda-a-crise-politica-no-santos-e-seu-mais-novo-capitulo.ghtml . Acesso em 12/11/2019.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Edusp, 2014.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas Organizadas de futebol**. Campinas: AutoresAssociados/ Anpocs, 1996.

_____. "*Torcer*: a metafísica do homem comum". **Revista de História**, n. 163. São Paulo: 2010, p. 175-189.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A, 1992.